

# QUEM CONTA A HISTÓRIA DA ÁFRICA?

Thales Ferraz Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – [thales-ferraz@hotmail.com](mailto:thales-ferraz@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre “os perigos da história única”<sup>1</sup> acerca do continente africano, seus estereótipos, generalizações e preconceitos, a fim de compreender a importância de se estudar com dedicação a História da África e questionar a visão e as narrativas generalizantes que tradicionalmente nos são propagadas pela televisão e demais mídias digitais.

As noções ocidentais do universo africano não só geram uma gama de estereótipos em termos de práticas culturais, sociais e econômicas, interações com a natureza ou relações com o corpo, mas também ilustram “um imaginário específico na visão Ocidental” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 47). Geralmente, ao sermos apresentados ao continente e sua história, nos deparamos com filmes, séries, documentários, matérias de jornais, revistas e de televisão que acabam por fazer um verdadeiro desserviço aos africanos, pois as principais narrativas são sobre a fome, a miséria, conflitos étnicos, doenças, instabilidade política, etc., não nos possibilitando outro sentimento que não seja o de pena (ADICHIE, 2019). Outra problemática recorrente é uma “suposta associação dos africanos e do próprio continente à condição escrava, como algo inerente e um demarcador da sua identidade histórica” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 38), algo que acaba por definir o que o senso comum conhece sobre a África.

## DESENVOLVIMENTO

Muitas pessoas conhecem primeiro uma história da África oriunda de uma literatura ocidental, um lugar com “paisagens maravilhosas, animais lindos e pessoas incompreensíveis travando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e de AIDS, incapazes de falar por si mesmas e esperando para serem salvas por

---

<sup>1</sup> O *perigo de uma história única* é uma adaptação de uma palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adichie no Ted Talk, em 2009. Treze anos depois, o vídeo é um dos mais acessados da plataforma, com milhões de visualizações. Ted Talk disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg&t=162s&ab\\_channel=TED](https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg&t=162s&ab_channel=TED). Acesso em: 25 fev. 2023.

um estrangeiro branco e bondoso” (ADICHIE, 2019, p. 18-19). Isto é, a história ensinada aos africanos é uma história falsificada, desmembrada e reduzida a uma série de preconceitos triviais. O fato de a história “oficial” da humanidade se basear em padrões eurocêntricos nos distancia de uma visão positiva do passado intelectual e científico dos povos africanos.

O pensamento filosófico europeu do século XIX e as teorias racialistas contribuíram demasiadamente para a negação e a invisibilidade histórica do continente ao desenvolvimento humano. O Ocidente tinha o poder de “criar” uma África para se apropriar de seus recursos e foi bem-sucedido. Infelizmente, muitas dessas perspectivas problemáticas ainda encontram eco em nossa sociedade contemporânea e contribuem para a instalação do preconceito em relação à África e aos africanos. Pesquisadores/as das humanidades devem se reapropriar dessas narrativas e repará-las; traçar metodologias apropriadas para enfrentá-las e contê-las; reorganizar a produção e apresentação do conhecimento sobre a história dos povos africanos.

Nessa esteira, os países africanos têm o direito de ter a sua história contada e conhecida de maneira honesta e justa, porém as imagens que circulam e se disseminam de África são aquelas extremamente estereotipadas. Tendo essas problemáticas em mente, as humanidades precisam estar atentas às iniciativas de História Pública Digital que tem como foco a História da África, fazer com que os conhecimentos cheguem ao grande público que não está dentro de instituições de ensino, sejam escolas ou universidades. Atualmente, o ritmo da pesquisa e produção científica sobre a África é muito grande e de muita qualidade, mas os pesquisadores contemporâneos precisam fazer, também, o papel de mediadores entre esse conhecimento produzido e a sociedade. A História Pública não serve apenas para divulgação dos estudos acadêmicos, embora essa dimensão seja importante, não é esta a única função: ela é uma subdisciplina com enorme potencial para remodelar a disciplina histórica.

Apresento no meu trabalho alguns exemplos de iniciativas eficientes de História Pública brasileiras que têm como temática a História da África, como a

ABE-ÁFRICA<sup>2</sup>, Arte Africana<sup>3</sup>, África em Arte-Educação<sup>4</sup> e o canal do *Youtube* Mwana Afrika<sup>5</sup>.

## CONCLUSÕES

Este trabalho objetivou somar-se aos estudos referentes ao crescente campo da História Pública, a fim de contribuir para contestar discursos recheados de preconceito e abrir discussões no que se refere à História da África.

As falácias sobre o continente não são questões recentes. No século XVI um viajante inglês teria descrito um povo africano como monstros sem cabeça (ADICHIE, 2019), pensadores europeus, no século XIX, já escrevia que os africanos não eram civilizados o suficiente, portanto eram seres sem história e, hoje, séculos depois, ainda vemos escancaradamente, na internet e na televisão, estas narrativas deturpadas. Assim, é imprescindível que façamos bom uso das plataformas digitais, pois estas apresentam um grande potencial, sendo de extrema importância que as utilizemos “tanto como fonte como objeto de estudo do historiador” (CARVALHO, 2016, p 44). Ou seja, devemos fazer uso das redes sociais como meio de pesquisa e de divulgação de um conhecimento histórico mais sério, crítico e honesto.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CONCEIÇÃO, M. T. Os Discursos da Racialização da África nos Livros Didáticos Brasileiros de História (1950 a 1995). **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 35-58, jan./mar. 2017.

CARVALHO, B. L. P. “História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo”. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, 2016, p. 35-53.

---

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.abeafrica.com/>>. Acesso em: 25 fev. de 2023.

<sup>3</sup> Disponível em <<https://arteafricana.fflch.usp.br/pt-br>>. Acesso em: 25 fev. de 2023.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://africaarteeducacao.ciar.ufg.br/index.html>>. Acesso em: 25 fev. de 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/MwanaAfrika/featured>>. Acesso em: 25 fev. de 2023.